



RESENHA

O golpe da IA: propaganda, exploração e lucro na arte de convencer as pessoas acerca das promessas da tecnologia

The AI con: advertising, exploitation, and profit in the art of persuading people about the promises of technology

El engaño de la IA: publicidad, explotación y lucro en el arte de persuadir a las personas sobre las promesas de la tecnología

Gilberto Alves Araújo¹

orcid.org/0000-0002-8177-0730

gilbertoa.araujo@yahoo.com.br

Recebido em: 14 fev. 2026.

Aprovado em: 05 abr. 2026.

Publicado em: 18 jun. 2026.

Resumo: Esta resenha apresenta *The AI Con* como um ensaio crítico que desconstrói o *hype* da IA ao tratá-la como um rótulo discursivo que encobre automação, extração de dados e reconfiguração de mercados. Em um prefácio e sete capítulos, as autoras percorrem arenas como debates políticos, antropomorfização de sistemas, precarização do trabalho, automatização de serviços públicos e a propagação do generativo em arte e jornalismo, mostrando de que forma promessas circulam e se convertem em política, produto e reorganização institucional. A avaliação da obra destaca a força desta em articular discurso e materialidade e em convidar o leitor a exigir transparência, consentimento e direitos, mas aponta limites do formato ensaístico e da dominância de casos dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Hype da IA; Retórica de legitimação; Extração de dados; Precarização do trabalho; Governança e direitos digitais.

Abstract: This review presents *The AI Con* as a critical essay that deconstructs AI hype by treating it as a discursive label that masks automation, data extraction, and market reconfiguration. The authors move through arenas such as political hearings, the anthropomorphization of systems, labor precarity, the automation of public services, and the proliferation of generative models in art and journalism, showing how promises circulate and become policy, products, and institutional reorganization. The appraisal highlights the book's strength in linking discourse to material effects and its call for transparency, consent, and rights, while noting limits tied to an essayistic format and the dominance of U.S. cases.

Keywords: AI hype; Legitimizing rhetoric; Data extraction; Labor precarity; Governance and digital rights.

Resumen: La reseña presenta *The AI Con* como un ensayo crítico que deconstruye el hype de la IA al entenderla menos como agente autónomo y más como etiqueta discursiva que encubre automatización, extracción de datos y reconfiguración de mercados. En un prefacio y siete capítulos, las autoras recorren escenarios como debates políticos, la antropomorfización de sistemas, la precarización laboral, la automatización de servicios públicos y el auge de lo generativo en arte y periodismo, mostrando cómo las promesas circulan y se convierten en política, producto y reorganización institucional. La evaluación resalta la fuerza de la obra en articular discurso y materialidad y su llamado a transparencia, consentimiento y derechos, pero señala límites del formato ensayístico y del predominio de casos estadounidenses.

Palabras clave: Hype de la IA; Retórica de legitimación; Extracción de datos; Precarización del trabajo; Gobernanza y derechos digitales.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ University of the Witwatersrand (WITS)/Universidade Federal do Pará (UFPA)/Universidade da Força Aérea (UNIFA), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Primeiras palavras

*The AI Con: how to fight big tech's hype and create the future we want*² (Bender; Hanna, 2025), obra provocativa e irônica das Dras. Emily Bender (linguista da Escola de Informação da Universidade de Washington) e Alex Hanna (socióloga da Escola de Informação da Universidade da Califórnia, Berkeley), parte da tese central de que a Inteligência Artificial (IA) contemporânea funciona, frequentemente, como um rótulo polivalente que confere aura de inevitabilidade e genialidade a um conjunto heterogêneo de técnicas de automação, extração de dados e reconfiguração de mercados. Em vez de discutir IA enquanto agente com vontade própria, as autoras insistem em questionar quem nomeia, quem lucra, quem trabalha, quem é governado e quem paga os custos dessa indústria.

O resultado é um ensaio crítico, ao mesmo tempo pedagógico e combativo, que lê o *hype* como um dispositivo político. Ou seja, trata-se de uma forma de persuasão pública (às vezes dissimulação) que reorganiza expectativas e, com isso, legitima mudanças materiais no trabalho, nos direitos e nos serviços públicos.

Ideias principais e estrutura do livro

O livro se organiza em um prefácio e sete capítulos, cada qual voltado a um "teatro" específico do *hype* de IA. No prefácio, as autoras apresentam o projeto como colaboração entre uma linguista e uma socióloga, explicitando que a estratégia é "deflacionar" promessas grandiloquentes por meio de análise ancorada em seus respectivos campos e de humor como forma de intervenção pública (Bender; Hanna, 2025, p. 6). Para elas, esse *hype* é uma tecnologia política e comunicacional pervasiva, que permite acelerar a adoção da IA, desresponsabilizar instituições e normalizar a experimentação social com essa ferramenta em larga escala.

O capítulo 1 abre com os debates (*insight forums*) sobre IA conduzidos no Senado, em Washington, D.C. (EUA), apresentados como resposta

a uma tecnologia supostamente "nova". Bender e Hanna (2025, p. 9) descrevem o contraste entre a pompa do evento e a recorrência histórica do discurso sobre IA que promete mais do que entrega, listando participantes como Yoshua Bengio, Jared Kaplan (Anthropic), Aleksander Mądry (OpenAI) e Stuart Russell, além de outros atores da sociedade civil e de *think tanks*. O capítulo já estabelece na partida que IA não é uma substância unitária, e essa categoria operaria como embalagem discursiva que mascara mecanismos, interesses e relações de poder.

Intitulado *It's Alive!* o capítulo 2 investiga o imaginário das "máquinas pensantes" e a produção midiática de agência sobre elas (Bender; Hanna, 2025). As autoras evidenciam que, em poucos anos, declarações sobre "consciência" de redes neurais (como a de Ilya Sutskever) e narrativas jornalísticas sobre "senciência" (como o caso LaMDA/Blake Lemoine) contribuíram para consolidar um regime de crença no qual sistemas probabilísticos aparecem como entidades com interioridade (Bender; Hanna, 2025, p. 26). O argumento é epistemológico e político, uma vez que as autoras entendem que, quando a linguagem midiático-mercadológica atribui "vida" a sistemas, redireciona a discussão sobre responsabilidades humanas, governança e danos sociais, produzindo uma mitologia tecnofuturista que desarma a deliberação pública.

O capítulo 3 concentra-se no mundo do trabalho e na promessa recorrente de que a automação gerará "tempo livre" para todos. Partindo da greve do *Writers Guild of America* e das pressões sobre a indústria cultural, Bender e Hanna (2025, p. 41) demonstram que a retórica da "eficiência" pode funcionar como instrumento de controle/manipulação do mercado de trabalho, reduzindo equipes, fragmentando tarefas, transformando carreiras em bicos e justificando novas formas de vigilância e avaliação.

Esse diagnóstico dialoga diretamente com o argumento de que grande parte do "milagre" digital depende de trabalho invisibilizado

² "O golpe da IA: como combater o hype das gigantes tecnológicas e criar o futuro que queremos", em tradução livre.

e precarizado (Gray; Suri, 2019). Assim, em vez de emancipar, a automação pode reconfigurar hierarquias e transferir riscos para trabalhadores e trabalhadoras vulnerabilizados.

O capítulo 4 lança um olhar sobre serviços sociais, saúde e burocracias estatais. O texto se inicia com o caso de um homem belga, chamado "Pierre", que teria sido encorajado por um *chatbot* a cometer suicídio após semanas de interação. Esse episódio é mobilizado pelas autoras como alerta aos riscos de sistemas automatizados em contextos de sofrimento e vulnerabilidade.

A partir daí, o capítulo amplia a reflexão, apontando que automatizar decisões em políticas públicas implica, muitas vezes, institucionalizá-las sob a forma de métricas opacas, com efeitos desiguais. Esse posicionamento no livro reforça a ideia de que modelos escaláveis e pouco contestáveis tendem a amplificar dano e desigualdade (O'Neil, 2016), e ferramentas digitais associadas podem operar como infraestrutura de triagem e punição de populações marginalizadas (Eubanks, 2017). Com efeito, Bender e Hanna (2025) atualizam esse debate ao mostrar que o *hype* da IA torna mais fácil substituir atendimento e julgamento humanos por triagens automatizadas, degradando o cuidado público e deslocando responsabilidades.

O capítulo 5 discute o *hype* dos modelos generativos em arte, jornalismo e ciência. Bender e Hanna (2025, p. 89) indicam que esses sistemas são algoritmos probabilísticos que recombina padrões aprendidos a partir de grandes massas de dados, frequentemente obtidas por meio de coleta não consentida de produção cultural. Ao tratar de modelos texto-imagem e de *chatbots*, o capítulo reforça a ideia de que, no contexto de IA, a "criatividade" é rebaixada a cálculo de correlações. Ao mesmo tempo, sua cadeia de valor se apoia na apropriação de acervos culturais e científicos já existentes.

Nesse ponto, as autoras convergem com a crítica à "colonização" da vida social por dados, expressa em regimes de captura e monetização de dados que, por sua vez, se tornam condição de possibilidade para novos mercados (Couldry; Mejias, 2019). Simultaneamente, sob essa visão, a

materialidade das infraestruturas de IA (recursos, energia, trabalho, Estado) constitui um custo estruturante, quase sempre fruto da exploração em algum ou vários pontos da cadeia produtiva (Crawford, 2021).

A obra também se aproxima de alertas sobre como a substituição da mediação jornalística pela produção automática tende a multiplicar o lixo informacional e a corroer a confiança pública (Bender; Hanna, 2025).

Já o capítulo 6 confronta a polarização entre "AI doomers" (fatalistas) e "AI boosters" (entusiastas). Retornando ao cenário do Senado, as autoras analisam como a obsessão por "p(doom)", ou seja, pela probabilidade de catástrofe existencial causada por IA e por cenários de extinção, pode desviar a atenção de danos presentes, transformando a política em gestão de fantasias.

Nesse contexto, de um lado, vende-se o apocalipse. De outro, vende-se a salvação sob a forma de "alinhamento", "controle" ou "progresso inevitável" (Bender; Hanna, 2025, p. 119, 122).

Por fim, o capítulo 7 indaga a possibilidade de construir esperança "depois do *hype*". A resposta é afirmativa, mas não tecno-solucionista. As autoras defendem direitos e arranjos institucionais que reinstalem consentimento e contestação, a exemplo do direito de não ser avaliado por máquina, com preferência por regimes de "opt-in", e a possibilidade de revogação, em diálogo com direitos de proteção de dados (Bender; Hanna, 2025, p. 162).

Também incorporam a ideia de "refusal" (recusa) presente em tradições feministas de justiça de dados como prática política de resistência à captura totalizante (D'Ignazio; Klein, 2020). O capítulo termina reafirmando que resistir ao *hype* também significa valorizar habilidades humanas, fortalecer vínculos e usar o ridículo e a crítica pública em forma de "práxis" contra o espetáculo tecnomágico, tal qual se faz na obra em tela.

Perspectiva teórico-metodológica da obra

Bender e Hanna (2025) combinam análise linguística (nomeação, metáfora, antropomorfi-

zação, ambiguidade estratégica da categoria "IA") com análise sociológica e político-institucional (relação capital-trabalho, Estado, mídia, plataformas, regimes de dados). O método funciona por meio de casos, a exemplo daqueles relativos a fóruns políticos, greves, serviços sociais, cultura, jornalismo e ciência. Assim, o livro opera por desmontagem de cenas recorrentes, mostrando como promessas circulam, quem as reproduz e como se convertem em política, produto e reorganização do trabalho. A principal premissa teórica é que a linguagem constitui, socialmente, a tecnologia, orientando o que aparece como possível, inevitável e desejável.

Essa estratégia se diferencia de abordagens que tratam IA como objeto técnico cuja avaliação imanente bastaria para resolver o problema do *hype*. O livro sugere justamente o contrário. Para as autoras, mesmo quando sistemas falham ou funcionam parcialmente, a retórica pode seguir produzindo efeitos materiais porque age sobre instituições, expectativas e mercados (Bender; Hanna, 2025, p. 21).

Aqui, a obra dialoga implicitamente com a crítica de Broussard (2018) ao pensamento computacional como forma de simplificar o mundo social para caber em modelos. Com efeito, reduzir cuidado, educação, justiça ou cultura a "problemas de predição" torna-se uma decisão política travestida de engenharia da computação.

Bender e Hanna e a literatura de seu campo

The AI con (Bender; Hanna, 2025) se insere na constelação de estudos críticos sobre tecnologia, dados e poder, particularmente entre aqueles que recusam o dualismo entre técnica neutra vs. mau uso. A proximidade com Crawford (2021) é clara, já que esta também trata sistemas computacionais como infraestruturas atravessadas por recursos naturais, cadeias globais de trabalho e decisões políticas.

Isso vale ainda para a crítica da colonização por dados, também notada por Couldry e Mejias (2019). Tal qual na obra em tela, essas teóricas apontam a captura massiva de conteúdo e sua

"lavagem" em produtos, o que se dá através da extração predatória de dados, real motor econômico da indústria de IA, e não seu subproduto.

O livro também dialoga com abordagens que sustentam que modelos de IA reforçam hierarquias sob o pretexto de neutralidade. Nesse sentido, Noble (2018) indica que mecanismos de busca podem reproduzir racismo e tornar desigualdades "encontráveis" como destino, enquanto O'Neil (2016) mostra que opacidade e escala potencializam efeitos assimétricos.

The AI con (Bender; Hanna, 2025) atualiza esse debate para a economia do universo generativo e para sua administração pública, insistindo que a novidade de interface não apaga velhas estruturas. Segundo as autoras, o *hype* oferece legitimidade para cortar custos, reduzir direitos e terceirizar riscos (Bender; Hanna, 2025). Ao enfatizar precarização e invisibilidade do trabalho que sustenta a automação, as pesquisadoras também convergem com Gray e Suri (2019), conforme já notado.

Há ainda afinidade da obra com diagnósticos sobre regimes corporativos de vigilância e modificação comportamental. Por tratar a extração de dados e a reorganização do social como condições do negócio, o livro se aproxima de Zuboff (2019), embora escolha uma abordagem mais centrada em *hype*/comunicação/discurso e trabalho do que em teoria geral do capitalismo informacional.

Ao mesmo tempo, o livro se diferencia de obras da crítica mais "técnico-avaliativa" e, sob esse aspecto, a comparação com Narayanan e Kapoor (2024) é produtiva. Esses enfatizam limites de previsão, avaliação e generalização da IA, fornecendo critérios para separar promessas plausíveis de propaganda. Nesse sentido, Bender e Hanna (2025) convergem no alvo (o *hype*) do debate, mas ampliam a lente da discussão em relação a esses dois colegas. Segundo elas, a questão não é apenas se uma promessa particular da IA "funciona", e sim, para quem funciona, em que condições, com quais custos e com qual linguagem de legitimação. Assim, a obra se torna bastante útil para a leitura de políticas públicas

e de governança institucional, nas quais a IA aparece como fetiche de modernização.

Quanto aos dissensos, o livro confronta tanto o deslumbramento corporativo quanto a vertente fatalista do debate público. Para além do binarismo, ele questiona a centralidade política de cenários especulativos e sua utilidade em escamotear o conflito distributivo do presente.

Em tensão com tradições que ganharam prestígio social ao imaginar a "superinteligência" como ameaça essencial (Bostrom, 2014), as autoras insistem que os danos já em curso (precarização, vigilância, erosão de serviços, captura de dados, degradação informacional) são politicamente mais urgentes e empiricamente mais rastreáveis.

Considerações finais

A principal virtude de *The AI con* (Bender; Hanna, 2025) é a clareza com que expõe a função social do *hype*. Pelo tratamento da IA como embalagem discursiva, o livro fornece uma ferramenta que serve tanto à pesquisa quanto à gestão pública. Ora, antes de comprar, regular, adotar ou proibir, é preciso recusar a fetichização do termo e exigir descrição concreta do sistema, de seus dados, de seus custos e de seus efeitos.

Outra força da obra é a articulação entre discurso e materialidade. As autoras evidenciam que a retórica da autonomia e da inteligência é um dispositivo que facilita substituições institucionais (de pessoas por sistemas), reconfigurações trabalhistas (de carreiras por *gigs*/bicos) e transferências de responsabilidade (de decisão política por "pontuação" automatizada).

Há, entretanto, limites que derivam do formato ensaístico e do foco geográfico das debatedoras. O livro mobiliza muitos exemplos isolados e, por vezes, confia na força cumulativa desses casos mais do que em uma sistematização empírica comparativa entre setores e regimes regulatórios. Além disso, a centralidade de episódios dos Estados Unidos ou do Norte Global pode reduzir a visibilidade de variações institucionais em outros contextos, embora o núcleo analítico (*hype* como função e IA como rótulo) seja amplamente transferível.

Por fim, a opção por uma escrita de intervenção pública, com humor e contundência, pode frustrar leitores que esperam maior formalização conceitual ou modelagens explicativas. Por outro lado, reconhecemos que essa escolha é plenamente coerente com o propósito do livro, qual seja, engajar-se mais com o leitor (o humor é um instrumento eficiente para tanto) e intervir no presente, não apenas descrevê-lo e explicá-lo.

No conjunto, porém, *The AI con* (Bender; Hanna, 2025) cumpre o que promete, desnudando o truque da ideia de IA, nomeando seus beneficiários e recusando tanto o encantamento quanto o apocalipse. Sua esperança não é a expectativa de que modelos resolverão desigualdades, mas a de que sociedades podem recuperar o poder de decidir (com consentimento, direitos e política) quais tecnologias fazem sentido, em quais condições e com quais garantias.

Em tempos de euforia generativa, Bender e Hanna (2025) insistem em algo bastante elementar, mas difícil e necessário. O futuro, longe de ser um produto, se constitui em disputa coletiva fundada na correlação de forças e nas assimetrias do poder que, antes de explorar, convence ou controla e, antes de lucrar, engaja.

Referências

- BENDER, E. M.; HANNA, A. *The AI con: how to fight big tech's hype and create the future we want*. Nova Iorque: HarperCollins, 2025.
- BOSTROM, N. *Superintelligence: paths, dangers, strategies*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- BROUSSARD, M. *Artificial unintelligence: how computers misunderstand the world*. Cambridge: MIT Press, 2018.
- COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- CRAWFORD, K. *Atlas of AI: power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence*. New Haven: Yale University Press, 2021.
- D'IGNAZIO, C.; KLEIN, L. F. *Data feminism*. Cambridge: MIT Press, 2020.
- EUBANKS, V. *Automating inequality: how high-tech tools profile, police, and punish the poor*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 2017.

GRAY, M. L.; SURI, S. *Ghost work: how to stop Silicon Valley from building a new global underclass*. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 2019.

NARAYANAN, A.; KAPOOR, S. *AI snake oil: what artificial intelligence can do, what it can't, and how to tell the difference*. Princeton: Princeton University Press, 2024.

NOBLE, S. U. *Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism*. Nova Iorque: New York University Press, 2018.

O'NEIL, C. *Weapons of math destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Crown, 2016.

ZUBOFF, S. *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. Nova Iorque: PublicAffairs, 2019.

Gilberto Alves Araújo

Doutor em Estudos do Discurso Midiático pela University of the Witwatersrand (WITS), com período sanduíche na University of Mannheim (UMA), pesquisador associado da WITS, professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) na Universidade Federal do Pará (UFPA), e docente do Centro de Idiomas da Universidade da Força Aérea (UNIFA).

Endereço para correspondência

UNIVERSIDADE DA FORÇA AÉREA

Av. Marechal Fontenelle, 1200

Campo dos Afonsos, 21740-900

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Como citar este artigo

Alves Araújo, G. O golpe da IA: propaganda, exploração e lucro na arte de convencer as pessoas acerca das promessas da tecnologia. Revista FAMECOS, e49523. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2026.1.49523>

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.